

REGINA LEITE GARCIA

O mundo fantástico do conhecimento

A qualidade da formação de professores só estará garantida pela democratização dos bens culturais da sociedade brasileira – este é um dos sonhos de Regina Leite Garcia.



Entrevista
concedida a
MAGDA SOARES

Regina Leite Garcia já esteve muitas vezes nas páginas de *Presença Pedagógica* como entrevistadora – foi ela quem entrevistou Peter Mortimore, no número 5, Bernard Charlot, no número 10, Michael Apple, no número 11, José Gimeno Sacristán, no número 14. Já tardava, mas finalmente, neste número, Regina passa de entrevistadora a entrevistada. Os leitores, que já a encontraram nas entrevistas que ela tão bem conduziu, que certamente a conhecem de seus numerosos livros e artigos, têm agora a oportunidade de “ouvir” (pois uma entrevista não nos faz mais ouvir que ler a pessoa entrevistada?) e a oportunidade de conhecer “pessoalmente” (pois não é esta a sensação que uma entrevista nos dá; a de que estamos travando conhecimento direto com a pessoa entrevis-

tada?), esta intelectual engajada, esta professora entusiasta, esta pesquisadora criativa, esta mulher ousada e batalhadora que é Regina Leite Garcia.

Ao longo de uma trajetória que partiu do magistério primário e percorreu todos os níveis de ensino, quase sempre na rede pública – de professora primária a professora titular da Universidade Federal Fluminense – Regina construiu um compromisso enérgico e profundo com a educação das crianças das camadas populares e com os professores e professoras da escola pública, compromisso enraizado numa convicção obstinada na possibilidade de construção de uma escola pública de qualidade, que liberte as crianças dos mecanismos de exclusão a que têm sido submetidas, e permita aos professores e professoras o pleno exercício de suas potencialidades pedagógicas. Mas o mais rele-

**REGINA LEITE
GARCIA**

Regina tem um jeito especial de olhar o mundo, um jeito especial de observar, de sentir, de interpretar, de relacionar. É com esse jeito especial que ela vê e interpreta a educação, o ensino, a escola, as crianças, os professores e professoras.

vante é que esse compromisso, em Regina, não se limita às palavras (como tão freqüentemente acontece com outros que se dizem "comprometidos"), mas se traduz em ação. Ação pela pesquisa: Regina, além de orientar teses e dissertações, coordena um grupo de pesquisadores que vêm contribuindo significativamente para esclarecer pontos ainda obscuros na educação de crianças das camadas populares e na formação de professores para a escola pública. Ação pela socialização de conhecimentos e de experiências: Regina escreve e leva seu grupo a escrever, sendo admirável a sua capacidade e competência de produzir obras coletivas (organizou a coletânea Alfabetização dos alunos das classes populares, em seguida, Revisitando a pré-escola, mais recentemente, A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática). Ação pelo ensino: Regina não só ministra seus cursos de graduação e pós-graduação na Universidade, mas organiza e ministra cursos para professoras da rede pública, andando incansavelmente por este imenso país como um "mascate pedagógico", como costuma ela mesma autodenominar-se, discutindo educação, ensino, alfabetização e, sobretudo, transformação.

Transformação – talvez seja esta a palavra-chave para caracterizar a palavra e a ação de Regina, porque, em uma e outra, o que está sempre presente é a sua crença na possibilidade da transformação, a sua luta pela transformação, a sua urgência de transformação: transformação da sociedade, da escola, das injustas relações sociais e econômicas. Mas tudo isso Regina faz sem dureza e sem animosidade: com firmeza, sim, com indignação, também, mas sempre com sensibilidade e emoção. Porque Regina tem um jeito especial de olhar o mundo, um jeito especial de observar, de sentir, de interpretar, de relacionar – lembre-se esse belo livro que são as suas Cartas Londrinhas, onde esse jeito especial de Regina ver e interpretar o mundo se revela plenamente. E é com esse jeito especial que ela vê e interpreta a educação, o ensino, a escola, as crianças, os professores e professoras; por isso, a transformação que Regina deseja, e pela qual luta, não é apenas a transformação das estruturas sociais, educacionais, escolares, mas sobretudo a transformação das relações, dos sentimentos, das emoções: tudo isso emerge com clareza e força, como o leitor verá, nesta entrevista que ela concedeu à Presença Pedagógica.

Numa sociedade em que os bens culturais são privatizados, não são de uso público, como é que a gente pode esperar que a professora chegue à escola com uma base cultural ampla?

PP: Sua vida profissional começou como professora alfabetizadora e, hoje, você é titular na UFF. Que trajetória é essa?

REGINA: Minha vida é marcada pela condição de professora. Sinto-me sempre muito identificada com as professoras primárias, e muito atingida, quando nosso Presidente diz que o problema da escola é a professora mal formada, que não sabe ensinar, e não domina os conteúdos. Essa avaliação me parece injusta. Não é o que vejo pelo Brasil. As professoras continuam inconformadas com o fracasso escolar e lutando para reverter esse fracasso que, antes de ser delas ou das crianças, é da sociedade. Já a minha história é um pouco estranha. Na verdade, não escolhi ser professora. Fui me tornando educadora na medida em que a escola, as crianças, o convívio com outras professoras foram me envolvendo. Fui me comprometendo até que, num determinado momento, me dei conta de que aquilo era a coisa mais importante na minha vida. Nunca percebi em mim a vocação antes da prática de professora. A "vocação" foi sendo construída na prática coletiva e na reflexão sobre essa prática.

PP: Como se desenvolveu essa prática coletiva?

REGINA: Fui me descobrindo professora no convívio com as outras profes-

ras mais experientes que, generosamente, nas reuniões, nos ajudavam, discutindo a sua própria prática pedagógica; isso me dava coragem para expor a minha também. Então fui aprendendo, e foi ficando muito importante lutar por uma sociedade mais democrática, sabendo que não temos possibilidade de ter um país melhor se não tivermos uma escola melhor. Isso para mim, hoje, é muito claro. Fui construindo, não sozinha, mas com as minhas companheiras de trabalho, e depois com grupos maiores, com associações de professores, essa escola melhor.

PP: Uma escola melhor é uma escola com professoras melhores?

REGINA: Tenho observado, nesses meus tantos anos de militância, que existem professoras excepcionais, aquelas professoras pelas quais as crianças chegam na sala de aula com os olhos brilhantes, ávidas por participar de alguma coisa e efetivamente aprender. Essas professoras, ou são pessoas que têm intuições muito fortes e seguem essas intuições, ou são pessoas cuja cultura geral é tão grande que têm recursos para transformar sua sala de aula num espaço estimulante, desafiador, prazeroso. Eu acho que o desafio para nós, que trabalhamos em formação de professores, é isso: numa sociedade em que os bens culturais

A professora seria o elo para introduzir a criança no universo da cultura, no seu sentido mais amplo. Mas como, se ela tampouco teve essa oportunidade?

são privatizados, não são de uso público, como é que a gente pode esperar que a professora chegue à escola com uma base cultural ampla?

PP: Isso seria indispensável, não?

REGINA: Claro, a base cultural é indispensável. Para mim, foi importantíssimo ver no *Jornal Nacional* uma professora do Paraná saindo de um concerto, e, ao ser entrevistada, afirmar: "Eu estou tão emocionada porque pela primeira vez eu vejo um concerto". Pode ser boa professora quem nunca assistiu a um concerto? Quem nunca foi a um teatro? Quem nunca viu um bom filme? Quem nunca leu um bom livro? Não sei. É uma coisa que me intriga. Quando vejo treinamento de professoras via televisão, via kits pedagógicos, eu penso: "Meu Deus! Será que assim vão se formar boas professoras?"

PP: Como é que se formariam essas boas professoras?

REGINA: Para formar boas professoras, o processo não pode acontecer só dentro da escola. Temos de lutar para que essa sociedade seja mais aberta, mais democrática, no sentido de que os aparatos culturais sejam de uso público, não de uso privado, de uma minoria. Eu gostaria de viver numa sociedade em que a cultura fosse democratizada. E

este não é um sonho impossível, se houver vontade política.

PP: Não parece uma utopia?

REGINA: Existem muitas sociedades em que isso acontece. A população tem direito de ir ao cinema, ao teatro, a concertos, à ópera, ao balé, a ter boas bibliotecas públicas, ter videotecas, ter acesso à cultura. E, a partir daí, em nosso curso de formação, poderíamos discutir o específico da educação. Mas tem que existir essa base cultural, sem o que tudo fica muito complicado. Fica muito complicado dizer para uma professora, por exemplo, que ela trabalha com conteúdos culturais, se ela não tiver tido a oportunidade de acesso a esses conteúdos culturais. É difícil a professora poder, de fato, ser esse veículo de ligação entre o universo cultural mais amplo e a criança que está entrando na escola. A professora seria esse elo, para introduzir a criança no universo da cultura, no seu sentido mais amplo. Mas como, se ela tampouco teve essa oportunidade?

PP: E a questão da cultura popular? A professora já não tem a cultura de sua comunidade?

REGINA: Coloco a cultura popular dentro desse universo vasto de cultura. Seria lamentável que tivéssemos uma postura

**REGINA LEITE
GARCIA**

Os homens e as mulheres criam bens culturais desde sempre, e o que eles criaram tem de estar presente na escola.

elitista e disséssemos o seguinte: "Os nossos alunos têm de ter acesso a Mozart". Eu acho que eles têm de ter acesso a Mozart, mas também de ter uma compreensão de que existem manifestações musicais populares, de altíssimo nível, e que não são música erudita. Há canções, por exemplo, que Villa Lobos colheu nas suas andanças pelo Brasil, que são da maior qualidade, e são música popular. Na escola deveríamos estar trabalhando para que as crianças compreendessem cultura no seu sentido mais amplo. Nem uma visão elitista, nem uma visão populista. Nem ficar na cultura popular como a única coisa boa, nem ficar na cultura erudita como a única coisa importante, mas compreender que os homens e as mulheres criam bens culturais desde sempre, e o que eles criaram tem de estar presente na escola, o que não significa que se possa saber de tudo. Ninguém sabe tudo. Mas é importante ter uma visão ampla desse "tudo". Ter uma visão global da cultura.

PP: E também das artes, não?

REGINA: Deveria ser assim, no que se refere à música, no que se refere à literatura. Considero a literatura de cordel da maior importância, e não estou sozinha nisso. Mas, seria lamentável se se parasse na literatura de cordel. Quero que nossos alunos tenham acesso e compreendam cri-

ticamente a literatura de cordel, mas que eles cheguem a ler Saramago com prazer, a ler Camões com prazer. Gostaria que a escola pudesse desenvolver de tal forma a sensibilidade das crianças e fornecesse informações de tal qualidade que elas pudessem escolher seus artistas. Mas, para preferir esses e não aqueles, é preciso conhecer todo esse espectro, do contrário não se pode chegar à preferência. Não posso dizer que prefiro alguma obra de arte sem a conhecer. Na escola, as crianças deveriam ter acesso a esse universo riquíssimo, que é o universo da cultura erudita, que lhes é negada. E é lamentável como a nossa sociedade é excludente nisso, e a escola também. As crianças são excluídas desse universo cultural e artístico que lhes forneceria informações fundamentais para compreenderem melhor o mundo no qual vivem, e se posicionarem em relação a esse mundo, aceitando-o ou contestando-o. Porque a escola deveria ter uma preocupação de desenvolver a sensibilidade, o senso estético. A vida é prazer, também, e deveria ser, mas nós negamos isso. Que maravilha ler um poema de Drummond! Mas para isso é preciso que as crianças, primeiro, aprendam a ler. E que a professora também tenha tido, na sua formação, oportunidade de se emocionar com Drummond.

**REGINA LEITE
GARCIA**

Nós só podemos dizer que Drummond é bom porque a nossa sensibilidade foi burilada como um diamante bruto. A criança chega na escola como um diamante bruto. A gente tinha de polir aquele diamante até que ele brilhasse.

PP: A leitura de bons autores é fundamental para as professoras, não é?

REGINA: Quem não descobriu o prazer da leitura não vai poder transmitir ao outro o prazer da leitura. Vivemos nesse beco sem saída. A professora, com o salário que ganha, não tem possibilidade de comprar livros. Nós não temos boas bibliotecas públicas, lamentavelmente. Então, a professora não sabe a importância da leitura em todos os sentidos. Desde o sentido informativo até o de fruição mesmo. Nós só podemos dizer que Drummond é bom porque a nossa sensibilidade foi burilada como um diamante bruto. A criança chega na escola como um diamante bruto. A gente tinha de polir aquele diamante até que ele brilhasse. Mas, o que é polir o diamante até que ele brilhe? É justamente a escola ser um espaço de oportunidade de vivências e experiências que vão desenvolvendo a capacidade de compreender, a capacidade de sentir, a capacidade de compartilhar, a capacidade de se emocionar, a capacidade de se solidarizar, a capacidade de ser crítico, a capacidade de ser criativo.

PP: Qual a participação das próprias crianças nesse polimento?

REGINA: É preciso que a escola seja um espaço em que as crianças tenham oportunidade de criar. Mas como criar, com

as cartilhas que colocam todo mundo na "fôrma"? A criança não chega a entender para que serve aquilo. Nas minhas pesquisas, venho observando que grande parte das crianças não aprende a ler porque não sabe para que serve ler. Outro dia, entrevistávamos uma menininha e perguntamos se ela achava importante aprender a ler e a escrever. Ela disse: "acho". Então, perguntamos: "por que você acha importante"? Ela respondeu: "para fazer dever". Ora, se estamos ensinando às crianças que é preciso aprender a ler e a escrever para fazer dever, estamos num beco sem saída. A criança deveria saber que precisa aprender a ler e a escrever para se comunicar, para expressar suas idéias, seus sentimentos, suas emoções, para se comunicar com os outros à distância, para ler o que o outro escreveu um dia, há tanto tempo, em outro lugar, e que hoje chega até ela.

PP: E a gente consegue resolver isso nos cursos de formação de professores?

REGINA: Isso é uma preocupação nossa. Lidamos com pessoas, e qualquer grupo é cheio de contradições. O projeto pedagógico vai ser o que acontece no cotidiano, quando as pessoas põem a mão na massa e, com todas as suas diferenças, começam a construir efetivamente o seu projeto. Uma vez levamos nossos alunos-

**REGINA LEITE
GARCIA**

É mentira dizer que a Universidade é aberta para a classe trabalhadora. Os trabalhadores têm um preço a pagar para poder romper com todas as barreiras que a escola lhes coloca, desde o início. É equivocado dizer "minha universidade é aberta para a classe trabalhadora", sem explicar o que de fato acontece.

professores de Angra dos Reis para verem duas exposições no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Foi muito bonito. Era uma exposição do Krajeberg, arte de ponta, e havia também uma lindíssima exposição de artesanato do Brasil inteiro. Uma coisa é a gente chegar à sala de aula e fazer uma discussão sobre arte popular e arte erudita. Outra coisa é levar os alunos a um museu. Eles foram a um museu. Possivelmente a maior parte deles nunca tinha ido a um museu. Viram aquela exposição belíssima do Krajeberg, de reaproveitamento do que o homem destrói na natureza. Ao lado, outro prédio com aquela exposição belíssima de artesanato brasileiro. Coisas de todas as regiões deste país. Bom, voltamos e fizemos uma discussão sobre arte popular e arte erudita. Tem outra consistência uma discussão desse tipo, porque vamos para a teoria, já tendo visto e sentido as obras.

PP: E você acha que as camadas populares de nossa sociedade têm verdadeiras oportunidades na escola?

REGINA: Digo muito para as minhas alunas em curso de formação de professoras no Mestrado e Doutorado que esta sociedade é tão perversa, que elas têm de entender o que significa ser oriundo da classe trabalhadora e chegar à Universi-

dade. É mentira dizer que a Universidade é aberta para a classe trabalhadora. Os trabalhadores têm um preço a pagar para poder romper com todas as barreiras que a escola lhes coloca, desde o início. É equivocado dizer "minha universidade é aberta para a classe trabalhadora", sem explicar o que de fato acontece. O preço que eles têm de pagar é muito mais alto do que o que paga aquele menino ou menina de classe média, sobretudo quando vem de um ambiente intelectualizado, que tem todas as facilidades. Mas eles têm de saber que ser trabalhador na Universidade não é o professor passar a mão na cabeça e dizer: "Coitadinho, é trabalhador, deixa passar". Não! É dizer: "olha aqui, para você ficar aqui, vai ter de pagar o preço. Porque senão você vai passar por aqui, pensar que isso valeu a pena, e no final vai receber um diploma que vale muito pouco".

PP: Enquanto isso, falam mal das professoras.

REGINA: Exatamente. E não se dá possibilidade das professoras estarem se atualizando, porque ninguém se atualiza sentado em frente a uma tela de televisão, vendo um programa que foi feito em algum lugar distante, por quem nada sabe da história daquelas professoras, sem levar em consideração nada do que aquelas professoras já sabem,

ENTREVISTA

**REGINA LEITE
GARCIA**

O fundamental na sala de aula é a professora e a criança. É o professor e o aluno. Quem não se lembra do professor importante de sua vida? Todo mundo se lembra.

fazem, aprenderam, construíram e desejam saber. É a professora meramente receptora, ouvindo aqueles programas feitos por "técnicos", não se sabe de quê e não sabe onde. Será assim que se forma uma professora? Seria preciso haver uma relação de comunicação, para despertar o interesse. Existe uma coisa de mistério nas relações que a televisão não dá conta. Televisão pode informar, pode acrescentar alguma coisa ao que a professora está ensinando no cotidiano. Que ótimo se pudermos ter na escola programas muito bem-feitos, que vão ilustrar a aula. Mas como recurso adicional, porque o recurso fundamental é a professora. O fundamental na sala de aula é a professora e a criança. É o professor e o aluno. Quem não se lembra do professor importante de sua vida? Todo mundo se lembra. Pergunte a qualquer pessoa o que lembra desse professor ou professora. "Ah! Ele tinha uma paixão pelo trabalho que fazia; ela não se conformava que a gente não se interessasse pelo que ele queria nos ensinar; ele despertou em mim o prazer de aprender, uma curiosidade que não tem fim". Nunca vi uma pessoa que não dissesse isso do seu "professor inesquecível".

PP: Disso tudo que você está falando, fica a angústia enorme de saber que a escola ideal ainda está no futuro. O que fazer

com essa infinidade de empecilhos, dificuldades?

REGINA: E no fundo é tão simples, não? Outro dia liguei a televisão e um desses canais americanos mostrava um cientista, em sua casa... Eu fiquei com muita inveja. Pensei assim: "Puxa, se nós professores, no Brasil, morássemos numa casa tão linda, com gramado tão lindo, como a do cientista americano!" E num determinado momento da reportagem, chegou a filha dele com o netinho. Uma criança que devia ter uns quatro anos. Ele começou a conversar com o netinho. De repente, o menino viu uma minhoca na terra e o cientista começou a explicar o que era aquele animal... Pegou uma lupa e mostrou para o menino que ele podia ver a minhoca maior. E o menino começou a brincar com a lupa e foi descobrindo que ela aumentava o tamanho da minhoca. E pensei eu: como ensinar pode ser tão fácil, se se tem muitos coringas. Ele tinha muitos coringas, muitos conhecimentos e, obviamente, estava ali lidando com uma pessoa que ele amava. O tempo todo ele despertava naquela criança a curiosidade por aprender, e dava sentido àquela aprendizagem. É isso, não?

PP: Deixar que a criança descubra?

REGINA: Ficamos com aquelas enormes cargas horárias de metodologias e di-

ENTREVISTA

**REGINA LEITE
GARCIA**

É importante sair da escola e investigar as crianças pobres. Descobrimos coisas incríveis: como aquelas crianças vivem, sobrevivem, brincam, se organizam, interagem. Só assim é possível pensar o que seria um ambiente alfabetizador favorável a elas.

dáticas... mas para o fundamental, a carga horária é pequena: compreender o mundo, olhar para cima e ver que coisa fascinante é o universo, olhar em volta e se maravilhar com a natureza, com a vida, com a Ciência, com a Arte, com a Filosofia. Isso é que acho fundamental. E tenho muita preocupação, porque isso não está nos livros.

PP: Não está nos livros? Está, então, na escola? Ou fora dela?

REGINA: É importante sair da escola e investigar as crianças pobres. Descobrimos coisas incríveis: como aquelas crianças vivem, sobrevivem, brincam, se organizam, interagem. Só assim é possível pensar o que seria um ambiente alfabetizador favorável a elas. Que estratégias de leitura elas usam para sobreviver, numa sociedade letrada como a nossa? A mãe diz assim: "Vai na venda e compra um quilo de açúcar". Ela vai e compra o que a mãe pediu. Ela cria estratégias de leitura para ler o que a mãe pede, para poder sobreviver, para andar na rua, para se relacionar com as pessoas. Ouvimos de uma professora, outro dia, algo que nos fez ficar absolutamente perplexas. Falando sobre seus alunos, crianças muito pobres da periferia de Niterói, dizia a professora: "O que eu observo é que os nossos alunos se tornam adultos muito mais cedo". Todos sabemos

que eles se tornam adultos mais cedo, porque têm de assumir responsabilidades de adultos mais cedo. É a menina que cuida do irmãozinho mais novo, o menino que vai fazer compras, o outro ou a outra que limpa a casa, enquanto o pai e a mãe estão trabalhando, enfim, eles vão assumindo tarefas que não são próprias de uma criança de classe média. E continuava a professora: "Os nossos alunos se tornam adultos muito cedo, então eles se desenvolvem mais rapidamente, não?" Bom, mas se eles se desenvolvem mais rapidamente para algumas coisas que a vida obriga, por que a gente diz que eles são mais lentos para aprender? Isso é uma coisa para a gente pensar, não é não? Porque isso só mostra o desencontro da escola com aquelas crianças, a incapacidade da escola de sintonizar-se com elas e ajudá-las a ir no seu ritmo, que não é lento. É lento para aquilo que a gente quer que elas façam, e como a gente quer que elas façam.

PP: E a professora dá zero, se a criança não for pelo caminho que ela acha certo, porque é o caminho que ela aprendeu, é o caminho que está no livro, não?

REGINA: Bachelard sugere que, em vez disso, perguntemos "por que não?". Isso muda a nossa postura. "Por que não?" Vamos tentar investigar por que que a

**REGINA LEITE
GARCIA**

Só posso entender o meu aluno transgressor se eu compreender os fundamentos da transgressão. E se eu compreender, também, que uma psicologia acomodativa não dá conta de uma realidade perversa que é a realidade na qual vivem nossos alunos.

criança foi por outro caminho e não pelo "certo". Tenho a intuição de que, se nos perguntássemos mais "Por que não?", estaríamos contribuindo para formar cientistas, artistas, pessoas mais audaciosas, menos submissas, menos conformistas, menos formadas para aceitar sempre a mesma coisa. Pessoas que tivessem o pensamento divergente e não o pensamento convergente que os exercícios da escola desenvolvem.

PP: A reação das classes populares contra isso que chamamos discriminação, através de muitos comportamentos violentos como assaltar, roubar, matar, traficar, não faria parte de um "por que não?"

REGINA: Quando você se permite perguntar "por que não?", você se abre para um universo desconhecido, e esse "por que não?" está nos levando a procurar autores que não são autores presentes nos cursos de formação de professores. Só posso entender o meu aluno transgressor se eu compreender os fundamentos da transgressão. E se eu compreender, também, que uma psicologia acomodativa não dá conta de uma realidade perversa que é a realidade na qual vivem nossos alunos. Então, estamos procurando autores que estudaram por outras vertentes e não por aquela que enquadra, não

por aquela que põe na forma, não por aquela que adapta, mas por uma psicologia que aceita que dentro de cada um de nós há impulsos de vida e impulsos de morte, de construção e de destruição, de acomodação e de transgressão. O impulso de fazer, o impulso de inovar é o impulso de negar e transgredir, portanto, de destruir. Então, essa literatura que estamos procurando é de autores que transgrediram ou estudaram a transgressão. Estamos querendo entender melhor o que é o universo da miséria, porque os nossos alunos vivem no universo da miséria. O que é o universo da exclusão? Eles são excluídos, moram na rua, sem família (será que se pode falar em família, pai, mãe, filho, tio, avô, para os nossos meninos da periferia que vêm para a escola?). Então, estamos pedindo auxílio a autores que não são os que frequentam os cursos de Pedagogia.

PP: E quais são esses autores?

REGINA: Um exemplo: nós estamos lendo Pasolini. E alguém dirá: o que Pasolini tem a ver com cursos de pedagogia? Estamos lendo Arrabal, Baude-laire, e tantos outros autores que ousaram ou que tentaram estudar o que é transgredir, romper. Porque os nossos alunos rompem, não é por uma postura política, não é porque escolheram ser mar-

ENTREVISTA

**REGINA LEITE
GARCIA**

A gente deveria ir para outro país com a postura de quem está cobrando uma conta. Ou seja, o que eles são devem a nós, à exploração desse mundo do qual nós somos parte.

ginais, é porque foram marginalizados. Eles vivem no limite, na *border line*. A gente está estudando, por exemplo, autores que trabalham a questão da morte. É diferente a relação vida e morte para uma criança de classe média, onde a morte não se coloca, sobretudo no mundo ocidental, e para uma criança que vive a possibilidade da morte em seu cotidiano. A qualquer hora ela pode ser atropelada, ela pode levar uma bala da polícia, ou do traficante de droga, ela vive no limite da vida e da morte. Isso faz toda a diferença. Essas questões nós estamos estudando, para trazer para a formação de professores. Para que as nossas futuras professoras possam compreender um pouco melhor quem são os nossos alunos e poderem, quem sabe, ajudá-los um pouco mais na escola. Que a escola seja um espaço para eles e não contra eles. É nessa perspectiva que estamos trabalhando.

PP: Você, uma pessoa com ampla experiência com estrangeiros, e que já passou muito tempo fora, faça de conta que é uma inglesa ou uma americana. Como você veria a gente aqui, a nossa educação e o nosso futuro nacional?

REGINA: Não sei se consigo fazer isso. É tão visceral a minha condição de brasileira, para entrar no universo cultural

do outro. Talvez eu até ficasse um pouco assustada.

No Brasil, de repente irrompe aquela alegria, sensualidade, vida. Exu. Brasil é Exu. Se eu fosse inglesa, francesa, norte-americana, possivelmente diria o que alguns deles já me disseram: "O novo, se houver o novo, virá de vocês e não de nós". E é por isso que me preocupo muito, quando algumas pessoas vão estudar fora do Brasil. Porque estou convencida de que algumas pessoas voltam piores do que foram.

PP: A grande maioria...

REGINA: É. Porque se esquecem do seu próprio país, ficam mazombos, terrivelmente mazombos, ficam se achando a maior maravilha do mundo, pensam até que são ingleses ou franceses, e essa é a pior coisa que pode acontecer. Porque nem passam a ser aquilo que pensam que são, nem fortalecem a sua condição de brasileiros. Então era melhor que não tivessem ido. A gente deveria ir para outro país com a postura de quem está cobrando uma conta. Ou seja, o que eles são devem a nós, à exploração desse mundo do qual nós somos parte. E eles, para justificarem essa exploração que fizeram a nós, construíram a ideologia de que somos uma raça inferior. Abaixo do equador não há civilização, é o mí-

**REGINA LEITE
GARCIA**

Eu também acho que a gente deve deixar o lado dionisiaco aflorar. Acharia lamentável se na escola só se trabalhasse o lado apolíneo, racional. Mas isso não significa que cada um vai fazer o que quer, quando quer, como quer, e se quer.

nimo que eles dizem. Ora, há os vigaristas que só querem "levar vantagem", ou entregar o Brasil, mas há também os que lutam por construir um Brasil melhor.

PP: Você pode citar um desses?

REGINA: Tempos atrás ouvi uma entrevista com Darcy Ribeiro, de quem discordo em muita coisa, mas por quem tenho uma profunda admiração. Admiração pela sua capacidade de lutar pela vida, admiração por seu entusiasmo pelo Brasil. Acho-o admirável, pela inteligência, pela criatividade. As vezes eu discordo dele, dessa LDB, por exemplo. Aí foi lamentável. Mas ele era brilhante. E falava dessa civilização mestiça que é a nossa. Ele dizia: nós podemos ser uma civilização importante, nós temos tudo para ser uma civilização importante. Esse encontro de europeus, africanos, indígenas, que deu esse povo que nós somos, essa cultura tão diversificada, essa riqueza tão grande, essa alegria, esse tesão que tem o povo brasileiro, essa capacidade de, apesar de tudo, continuar vivendo, continuar tendo prazer na vida, continuar acreditando que, quem sabe, um dia muda. Tudo isso é um potencial de criação de uma coisa nova, ele dizia.

PP: Mas, uma certa disciplina intelec-

tual não seria necessária para desenvolver a educação, em qualquer área?

REGINA: Se você observar qualquer ser humano de etnias diferentes, de raças diferentes, de origens culturais diferentes no seu fazer, verá o que eles têm de disciplina, de organização mental, de controle do próprio corpo. Nada se faz sem isso.

PP: O Darcy elogiava um lado dionisiaco, vamos dizer assim. Um lado festivo, não?

REGINA: Sim, eu também acho que a gente deve deixar o lado dionisiaco aflorar. Acharia lamentável se na escola só se trabalhasse o lado apolíneo, racional. Mas isso não significa que cada um vai fazer o que quer, quando quer, como quer, e se quer. Porque isso é absolutamente anti-social. E acho prejudicial para cada um, individualmente também, porque, na minha longa experiência, nunca vi alguém fazer nada sem disciplina. É disciplina no sentido de disciplinar esse caos que somos nós. Temos de disciplinar a nossa capacidade de pensar, de disciplinar o nosso próprio corpo. Temos de disciplinar alguns de nossos desejos, para fazer alguma coisa, para criar e realizar alguma coisa. Mas não é preciso ensinar isso, basta oferecer às crianças atividades que interessem a elas, nas quais estejam mobilizadas globalmente. É

**REGINA LEITE
GARCIA**

A escola deveria ser assim: quando os alunos entram, eles encontram uma porta. Atrás dessa porta está o mundo fantástico do conhecimento. E o papel do professor e da professora é entreabrir essa porta e ir mostrando o que existe ali.

mentira dizer que criança não resiste a ficar muito tempo concentrada numa coisa só. Quando a atividade lhe interessa, ela é capaz de ficar muito tempo envolvida. As pessoas devem aprender, desde muito cedo, que os seus direitos têm limites. O limite do meu direito é o seu direito?

PP: Mas as crianças têm essa noção de limites?

REGINA: Uma criança tem de aprender que, quando ela faz uma escolha, tem de assumir a responsabilidade pela escolha. A curto prazo, isso significa que, se ela escolheu fazer um projeto, ela assumiu uma responsabilidade com aquele grupo com o qual vai realizar o projeto, e não pode simplesmente dizer: "Não quero mais, vou embora". Vamos tomar os Estados Unidos como exemplo. Seria impensável alguém lá se eleger com uma plataforma, e não dar seqüência àquilo a que se propôs. Por quê? Porque o eleitor americano tem consciência dos seus direitos enquanto cidadão, dos seus deveres enquanto cidadão. Ele cobra. Ele escreve carta. É o povo que mais escreve carta para os seus deputados e senadores. Porque lá, o cidadão controla. No Brasil, não. É privilégio, não é serviço. Essas coisas a gente deveria estar aprendendo desde o início da escolaridade. Então, ao contrário de anarquia na escola, eu defen-

do uma escola rica, criativa, estimulante, desafiadora, onde também fossem sendo feitas algumas aprendizagens indispensáveis para a vida social: a disciplina, a organização, o respeito, tudo isso são aprendizagens. Isso tinha de ser aprendido desde a pré-escola. O que não significa que a escola deva ser um lugar coercitivo, chato, controlador de corpos e mentes.

PP: Como, então, a escola deveria ser?

REGINA: Eu costumo usar a metáfora da porta. A escola deveria ser assim: quando os alunos entram, eles encontram uma porta. Atrás dessa porta está o mundo fantástico do conhecimento. E o papel do professor e da professora é entreabrir essa porta e ir mostrando o que existe ali. E quando começa a trabalhar com os alunos, anuncia que tem mais, pois, se der demais, sacia e a criança não volta. Tem de dizer que tem mais, como um seriado. Por que seriado e novela todo mundo vê? Chega uma hora em que desperta a vontade de ver o que, no dia seguinte, vai acontecer. A gente precisava fazer isso na escola. Entreabrir a porta, todo mundo entrar naquele espacinho para aprender coisas, e no fim do dia, "oh! tem outra porta!" E isso é interminável. Igual a Sherazade. A cada dia, uma história nova.